

## ARTIGO

# IDENTIDADES SKATISTAS E TERRITÓRIOS DO SKATE EM BOA VISTA

### Resumo

O artigo apresenta a construção dos espaços urbanos na cidade de Boa Vista e como por meio destes espaços surgiram novas práticas de lazer na construção de territórios skatistas. Apresenta ainda a identidade do grupo skate e a influência do global para o local, bem como os aspectos da cultura skate local, evidenciando que essa não se modificará completamente na circulação de informações e comunicações globais, mas, como identidades construídas na cidade pelos praticantes do esporte skate na alteridade.

Palavras-Chave: Skate; Identidade; Territórios.

### Abstract

*The article presents the construction of urban spaces in the city of Boa Vista and how these spaces created new leisure practices in the construction of skating territories. It also presents the discussion of the skate group identity and the influence of the global to the local as well as the aspects of the local skate culture, therefore this will not change completely in the circulation of information and global communications, but as identities built in the city by skateboarders in otherness.*

*Keywords: Skate; identity; territories.*

---

\* Mestre pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Atualmente é professor de História do Colégio de Aplicação – Cap/UFRR.

\*\* Professor do curso de História na UFRR.

## INTRODUÇÃO

No ano de 1989, os skatistas da capital do estado de Roraima iniciaram a utilização da pista de skate no Parque Anauá<sup>1</sup> como novo espaço de lazer e prática do esporte. Esse local foi construído como espaço multiúso<sup>2</sup> para prática de esportes, realização de eventos e lazer. Foi por meio desse espaço que novas práticas do esporte skate em Boa Vista ganharam visibilidade, visto que no dia de inauguração da pista, estiveram presentes skatistas profissionais de outros estados brasileiros, ressaltando com isso a importância tanto da pista quanto do esporte para os praticantes.

Após onze anos da data de inauguração, em 2000, a prefeitura de Boa Vista, percebendo um grande número de skatistas, os quais utilizavam a pista de patinação e também a quadra de tênis para práticas do esporte no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, mais conhecido como Praça do Ayrton Senna, resolveu construir no espaço da patinação uma pista de skate, possibilitando assim a realização de diversos campeonatos em anos posteriores.

Nesse sentido, sobre a construção de novos espaços de lazer em Boa Vista, Veras (2009) apresenta em seu trabalho sobre a Produção do Espaço Urbano de Boa Vista – Roraima, que nos períodos compreendidos entre os anos de 1993 a 1996, de 2001 a 2004, as mudanças na paisagem urbana de Boa Vista foram visíveis.

É importante mencionar que nesse período o município estava sob a administração da prefeita Teresa Jucá.<sup>3</sup> Já em sua primeira gestão de 1993 a 1996. No ano de 1993 foi implantado o Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, localizado em uma das principais avenidas da cidade – Ene Garcez (VERAS, 2009, pp.167-168).

Nesse relato de Veras (2009) é apresentada a construção do Complexo Poliesportivo, a qual também segue exposta pelo Grafiteiro Max Delly, ao tratar do interesse dos skatistas pelo novo espaço em entrevista concedida à pesquisa de Lazzarin (2008), sobre a Negociação da Identidade, Cultura e Grafite em Boa Vista, na qual remetendo-se ao período de sua chegada a Boa Vista no ano de 1999 e, vivenciando o período de pré-eleições municipais relata: “tendo chegado em época

---

1 A pista do Parque Anauá é composta por uma Mini-Ramp e um Half-Pipe, que segundo a Confederação Brasileira de Skate – CBSK ganha essa denominação devido às condições arquitetônicas serem da Mini-Ramp, uma variação dos half-pipes, não possuindo vertical e com altura geralmente até 2,50 metros. Os half-pipes geralmente tem altura de no mínimo 3,50 metros, podendo ser de concreto ou madeira, em formato de meio tubo e com formato parecendo um gigantesco u (letra u) ou bowls (bacias), havendo entre o coping (cano de ferro) e a parede em curva (transição) uma outra parede com vertical (90º com o chão, ou, seja, reta) dando o nome para a própria modalidade.

2 Alguns espaços atualmente não funcionam para sua finalidade como no projeto original.

3 Teresa Jucá, após o divórcio com o Senador Romero Jucá, modificou o sobrenome para Teresa Surita. Optamos em manter o nome de Teresa Jucá no trabalho pelo recorte temporal.

de eleições, tomou conhecimento de que um político da cidade tentava aproximar-se de seus eleitores jovens e estaria disposto a apoiar um grupo de skatistas, construindo uma pista de skate” (Lazzarin, 2008, p. 26).

Assim, é a partir desse “interesse” da política e dos políticos da época, que surge a Pista de Skate, entre os anos 1999 e 2000, sendo que posteriormente, esta seria reformada, ganhando outro formato e novos obstáculos.

Nesse período, muitos começam a andar de skate, não somente utilizando o espaço na Pista do Ayrton Senna, mas em muitos outros lugares da cidade de Boa Vista durante a semana. Tais práticas promoveram a construção das representações e da identidade skatista, sempre contrastando com a alteridade local.

## 1. ESPAÇO URBANO E A FORMAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOCULTURAL NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SKATISTA

A utilização dos espaços urbanos nas cidades e as práticas do *skate* devem ser relacionadas às construções identitárias, bem como às representações em territórios construídos na cidade, uma vez que os espaços urbanos da cidade, como: ruas, calçadas, praças, bancos, escadarias, monumentos e estacionamentos podem ser apropriados pelos *skatistas* e ressignificados para práticas de manobras. Dessa forma, os mobiliários urbanos de cada localidade podem significar espaços para novas práticas de lazer<sup>4</sup> no *skate*.

Diante disso, podemos perceber que o espaço urbano deve ser contemplado na forma material e social, isto é, “o espaço como um texto, onde formas são portadoras de significados e sentidos” (GOMES, 1997, p.38), pois o espaço tem a expressão de quem o utiliza, pois ele não é apenas um emaranhado de objetos espalhado pela paisagem do lugar, mas é “a síntese, sempre provisória, entre o conteúdo social e as formas espaciais” (SANTOS, 1999, p.88) na construção da sociedade.

Nesse sentido, Santos (1999) atribui aos objetos das cidades ações que interagem continuamente, construindo formas indissociáveis, solidárias e continuamente contraditórias. É interessante mencionar ainda que o espaço urbano em termos gerais “define-se como o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si”

4 O lazer cotidianamente é uma construção social moderna conforme afirma Melo e Alves: “o surgimento deriva de circunstâncias e contextos sociais específicos. A contínua busca de formas de diversão não significa ter sempre existido o que hoje chamamos por lazer, na medida em que tais formas de diversão guardam especificidades condizentes com cada época, que devem ser analisadas com cuidado. Por certo, existem similaridades com o que foi vivido em momentos anteriores – e mesmo por isso devemos conhecê-los –, mas o que hoje entendemos como lazer guarda peculiaridades que somente podem ser compreendidas em sua existência concreta atual. O fato de haver equivalências não significa que os fenômenos sejam os mesmos” (MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. 2003, p. 2).

(CORRÊA, 2000, p.7), visto que as sobreposições das culturas e as inovações técnicas são fatores importantes na constante dinamicidade da reestruturação urbana.

Além disso, esse conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado e articulado, ou seja, “reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas [...]. É assim que a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais” (CORRÊA, 2000, p.10). Esses locais podem ser chamados de espaço urbano, existindo através dos agentes que participam da construção da cidade, por meio de relações de poder exercidas no espaço urbano construído, tendo a construção da forma urbana<sup>5</sup> de Boa Vista a própria explicação do surgimento do estado (RAFFESTIN, 1993).

Sobre os nomes dos objetos e as pequenas construções que ocupam os espaços urbanos e as calçadas das cidades, existem confusões quanto ao uso do nome, alguns chamam de *equipamentos urbanos*, enquanto outros chamam de *mobiliário urbano*. No entanto, nesse sentido, a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT utiliza nomenclaturas diferentes para identificar os mesmos objetos, ou seja, na norma NBR 9283 de março de 1986, apresenta o termo mobiliário urbano para definir que são “todos os objetos, elementos e pequenas construções integrantes da paisagem urbana, de natureza utilitária ou não, implantada mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados<sup>6</sup>”. Na NBR 9284<sup>7</sup> de março de 1986, esta faz referência à mesma definição, utilizando o termo equipamento urbano. Sendo assim, adotaremos o conceito de mobiliário urbano.

Quanto à origem do mobiliário urbano nas cidades é de complexa definição, o que vamos aqui tratar é da importância da construção destes nos espaços urbanos.<sup>8</sup> Assim, segundo Tessarine (2008) os mobiliários urbanos têm as seguintes funcionalidades:

---

5 Para Vale (2014, p.96), o próprio surgimento do estado estava condicionado a evolução de Boa Vista, segundo a autora: “Boa Vista estava e era o próprio estado”. Tudo funcionava a partir do poder que se centrava nela, como os recursos disponibilizados pela União.

6 NBR 9283 – Trata do conceito e definição do Mobiliário Urbano.

7 NBR 9284 – Trata do conceito e definição de Equipamento Urbano.

8 Claudia Mouthé (1998), conceituando aspecto funcional, estabelece algumas categorias, identificando os objetos ora como “elemento” e ora como “mobiliário”. Elementos decorativos – esculturas e painéis de prédios; Mobiliário de Serviço – Telefones públicos, caixa de correios, latas de lixo, abrigos de ônibus, banheiros públicos e protetores de árvores; Mobiliário de Lazer – Bancos de praça, mesas de jogos; Mobiliário de Comercialização – Bancas de jornal, quiosques, barracas de vendedor ambulante e de flores, cadeiras de engraxate; Mobiliário de Sinalização – Placas de logradouros, placas informativas, placas de trânsito (MOURTHÉ, 1998, pp.13-14).

[...] estão vinculados à prestação de serviços, como características específicas que atendem as necessidades comuns de todo cidadão urbano, como os quiosques para venda de flores, pontos de ônibus, totens de informação, telefones públicos, pontos de táxis, lixeiras e bancas de jornal (TESSARINE, 2008, p.15)

Portanto, o mobiliário urbano é identificável por meio de objetos dispersos, ordenados e desordenados, representados, ou não representados na cidade, de maneira que a imaginação do morador urbano participa de forma silenciosa nos significados desses, ao mesmo tempo em que contribui para facilitar seu dia a dia, considerando que qualquer cidade, comunidade e sociedade necessitam do mobiliário na cidade (TESSARINE, 2008). Com isso, poderemos compreender as mudanças que ocorreram nos espaços urbanos da cidade de Boa Vista por meio da implantação do seu plano urbanístico.

Entretanto, enquanto buscamos entender como ocorreram as mudanças nos espaços urbanos da cidade de Boa Vista, devemos levar em consideração que a partir destes novos espaços são construídos os territórios e as territorialidades *skatistas*.

Nesse sentido, Costa (2011) elucida que não tem como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-lo num determinado contexto geográfico, territorial, pois, as diferentes formas de pensar a territorialização devem ser discutidas através do conceito de “[...] território simbólico, ou um espaço de referência para a construção de identidades” (COSTA, 2011, pp. 20-25) por meio dos agentes que participam da dinâmica na cidade.

Como se vê, essa abordagem de Costa (2011) nos remete a entender o território tanto como lugar delimitado de apropriação *skatista*, como lugar de construção identitária, pois é possível que esses diversos territórios nos espaços urbanos influenciem amplamente a formação da identidade do grupo *skate*, enquanto são modernizados na cidade ao longo dos anos.

É evidente, portanto, que entre meados das décadas de 1940 e 1980, vários incentivos do governo contribuíram para o crescimento da população urbana na capital, sendo que estes grupos estavam concentrados na “área central atual, delimitada pelo igarapé Calungá e pelas avenidas Terêncio Lima e Major Williams” (VALE, 2005, p.84). Esse crescimento foi impulsionado principalmente pela presença de migrantes em busca de ouro, visto que eles adentravam a capital nesse período, interessados no garimpo, localizado em regiões como as da serra do Tepequém, nos vales do rio Maú, Cotingo e Suapi (VALE, 2014).

Não obstante, importante considerar que, outros espaços da cidade receberam mudanças significativas a partir da presença do exército. Em 1970, com a instalação do 6º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), o bairro Mecejana fora construído. Bairros como, Aparecida e São Pedro, também continuaram a crescer. Já o 31 de março, São Francisco e Canarinho, obtiveram novas formas de ocupação (VALE, 2014; SILVA, 2009).

Ademais, o crescimento urbano boavistense, atrelado ao incentivo das políticas de imigração no governo de Ottomar de Souza Pinto<sup>9</sup> e Romero Jucá, vem acompanhado de novas áreas de lazer e cultura e, dentre elas, está à criação do Parque Anauá inaugurado em 1983.

Na década de 1980 é criada a unidade de gestão pública para as ações de cultura em Roraima, *com o propósito de organizar o setor cultural*. Neste período, são instaladas a Biblioteca Pública, a Escola de Música, o Museu Integrado de Roraima e reformado o Teatro Carlos Gomes, que abrigou, na década de 1960, uma sala de cinema e estação de rádio AM local. Neste período *é criado ainda o Parque Anauá, com a finalidade de uso da cultura, esporte e lazer*. Todos esses equipamentos estão instalados na cidade Boa Vista (FIORETTI, 2009, p.102, grifo nosso).

Portanto, podemos perceber que as mudanças no aspecto urbano da cidade de Boa Vista, com novas áreas de lazer, construções de bairros, ações de agentes políticos, estratégias geopolíticas para região da Amazônia e incentivo dos governos locais para migrantes ocuparem espaços rurais e urbanos, configuram a gênese de um novo tempo no aspecto cultural e urbano da cidade de Boa Vista, uma vez que todas essas transformações possibilitaram modificações no cotidiano do boavistense, bem como diversos novos espaços da cidade passaram a ser utilizados por *skatistas*, para práticas do esporte.

Sendo assim, as modificações continuaram ocorrendo nos anos de 1990, devido à transformação do Território Federal para a condição de Estado, exigindo do governo de Roraima, investimento em infraestrutura na cidade, para atender as demandas dos quadros de funcionalismo estadual e para a chegada de migrantes nordestinos.

Na esteira dessas reflexões, a conclusão da BR 174 (Manaus/Boa Vista/Venezuela) e a construção parcial da BR 210 (Perimetral Norte) também possibilitou um crescimento desordenado em direção a Boa Vista, o que exigiu a expansão de infraestrutura básica e de serviços nos anos 2000. Tais exigências permitiram que a

---

<sup>9</sup> Ottomar de Sousa Pinto nasceu em Petrolina (PE) no dia 19 de janeiro de 1931, filho de Félix Pinto e Otilia Sousa Pinto. Este envolvido durante muito tempo com a política no estado de Roraima.

prefeitura reformulasse leis para atender a área urbana, devido à criação de novos bairros na cidade (VALE, 2014).

Além disso, é também no ano 1993, que ocorre a construção do Complexo Poliesportivo Ayrton Senna na Avenida Êne Garcez, com 75.000 metros de área urbanizada, bem como, reformas em diversos equipamentos urbanos da cidade, construções de prédios públicos, serviços de drenagens, sistema de iluminação (VERAS, 2009, s/p).

Nos anos de 1999 a 2001, transição dos prefeitos, Ottomar de Souza Pinto do comando da prefeitura de Boa Vista, para a prefeita Teresa Jucá, um grande número de skatistas utilizavam a pista de patinação e também a quadra de tênis para praticarem o esporte skate. Os agentes políticos resolveram construir no espaço para patinação uma pista de skate, o que possibilitou nestes anos, diversos campeonatos com a participação da prefeitura, sendo que, esta estrutura física construída inicialmente para a pista de skate do Ayrton Senna, fora modificada na gestão da Teresa Jucá, como parte das reivindicações dos skatistas (LAZARRIN, 2008).

Nesse mesmo período muitos começaram a andar de *skate*, não somente utilizando o espaço na Pista do Ayrton Senna, mas em outros lugares da cidade de Boa Vista, adaptando mobiliários urbanos para realização de manobras e apropriando-se destes para andar de *skate*, como: a Praça da Bandeira, Rodoviária Internacional – José Amador de Oliveira – Baton, Escola Maria das Dores Brasil, Esquina do Rio Branco, nos quais vários *skatistas* se reuniam para realizar manobras e “trocar ideia”<sup>10</sup> durante a semana. É a partir das análises nos espaços urbanos transformados em territórios de práticas do *skate*, que poderemos perceber e buscar entender a construção das representações identitárias dos *skatistas*, contrastadas com a alteridade local.

Em Boa Vista, diante de todas as mudanças que aconteciam no espaço urbano da cidade, os *skatistas* passam a receber influências das culturas globais no local, através da comunicação global do *skate* promovida pelo “crescimento exponencial de novas indústrias culturais” (HALL, 2003, p.56). Dessa maneira, os agentes construtores da mobilidade urbana da cidade, possibilitaram o estabelecimento de vínculos com outros lugares do Brasil e países, influenciando à própria construção da identidade *skate* local.

Portanto, por meio desse sistema global de comunicação – que se dá pelo uso da televisão, internet, revistas, rádio, músicas e outras formas de circular informação – é que os *skatistas* podem se inserir na rede de interação das novas modalidades de

---

10 Expressões utilizadas pelos skatistas em Boa Vista, para falar sobre diversos assuntos do cotidiano.

comunicação, proporcionadas pela revolução tecnológica, através dos contatos com imagens de outros *skatistas* e atletas do esporte.

Corroborando com a ideia de circular informação de forma global, Ianni (1996, p.111) enfatiza sobre “as referências habituais na constituição do indivíduo, compreendendo língua, dialeto, religião” [...] o que tornam possíveis, surgimentos de “outros elementos culturais [...] por signos e símbolos em circulação mundial” e, assim, possibilitando novas modalidades das circulações de imagens e estereótipos do *skate*, promovendo a identidade *skate* e, forjando aspectos da vivência em grupo, uma vez que no caso de Boa Vista, percebemos a apropriação de línguas estrangeiras como o inglês, nos nomes de manobras, bem como obstáculos e nas gírias.

Assim, a comunicação visual e a vivência com outros grupos possibilitaram o conhecimento e o desenvolvimento dos nomes de manobras, obstáculos e gírias em inglês. E, ao ser pronunciado, torna-se perceptível como se deram a circulação de informações por outros grupos nas cidades. Países de língua inglesa como: Estados Unidos da América, Inglaterra, Canadá, entre outros, aproximavam-se dos grupos por meio dos símbolos da língua. O inglês, como parte do conjunto da linguagem do *skate*, em Boa Vista e no Brasil, reafirmava como se deram as circulações e os significados do mundo *skate*.

Nesse sentido, pode-se dizer que esse elo de comunicação global na formação das identidades locais do grupo é permeado pela multiplicidade de imagens, dos signos e das linguagens que influenciam a vida dos *skatistas* na construção dos territórios e das territorialidades na cidade. Por meio desse sistema de comunicação global, a cultura *skate* torna-se mediada por meio de uma rede global interativa, a qual se dá por sistemas de linguagens visuais, como discute Castells (2009). Vejamos: “a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo” (CASTELLS, 2009, p.414).

Com isso, é possível perceber que novas formas da comunicação em redes de interação global estavam ocorrendo na cidade, pois as alterações dos códigos de condutas e dos espaços de mediações criaram novas formas de sociabilidades entre os próprios agentes do *skate*. Nesse contexto, a identidade local do grupo ao ser analisada, reflete valores inerentes ao estabelecimento de limites identitários, no fortalecimento de laços entre o grupo, visto que instiga a vontade de compartilhar valores com outros grupos urbanos. Embora, não seja preocupação por parte do grupo, mas que termina por construir marcadores da diferença em meio à sociedade boavistense (WOODWARD, 2000).



Além disso, o convívio e a coexistência em meio às diversas e diferentes formas culturais urbanas na cidade permitem a confluência que dá sentido às relações humanas, como discorre Semprini (1999, p.11): “a diferença é antes de tudo uma realidade concreta, um processo humano e social, que os homens empregam em suas práticas cotidianas e se encontram inseridas em um processo histórico”. Diante disso, as práticas de grupos urbanos estabelecidos na cidade, quando analisadas na perspectiva da construção da identidade, toma como fato inicial, a compreensão da sua própria complexidade, proporcionando a diferença no grupo.

Nesse sentido, “o próprio processo de identificação, por meio do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2005, p.12). Sendo assim, a identidade passa a não ter um eixo central permanente, mas variações de influências e novas formações identitárias, principalmente, quando está relacionada aos contextos urbanos, onde existe uma maior circulação de informações e símbolos culturais.

Dessa forma, quanto maior for o contato e o acesso a outras sociedades, Hall (2005, p.13) afirma que “os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam” permitindo que, as pessoas sejam confrontadas por múltiplas identidades, com as quais cada indivíduo poderia mesmo que provisoriamente, se identificar, por meio de certos significados simbólicos de grupos urbanos (MONTEIRO, 1997).

Por conseguinte, a dinâmica das práticas e representações em que se constitui a identidade *skatista*, poderá ser articulada na compressão dos tempos e espaços, característica das sociedades modernas, e a partir da qual as comunidades ao redor do globo se veem cada vez mais interconectadas na construção de identidades flexíveis e móveis, diante do cenário global (HARVEY, 2003).

Essa compressão se dá em função do aumento da velocidade de produção e de troca de informações em tempo real através das mídias eletrônicas e dos meios digitais, que no caso de Boa Vista, eram recebidas inicialmente por meio de revistas, filmes e outras produções sobre o *skate*, dado o impulso da troca de informações globais e os aumentos das viagens internacionais pela expansão de mercados produtores e consumidores, que são prescindidos de fronteiras nacionais, proporcionando o acesso a diversas fontes de informações e às circulações de mercadorias no mundo do *skate*.

Convém salientar ainda que é a partir dessas imagens e informações que as identidades se mostram como artefatos abertos e flexíveis, tornando-se “desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos

que parecem flutuar livremente” (HALL, 2005, p.75), proporcionando a problemática da formação da identidade e da subjetividade.

Outro aspecto importante é “um mundo globalizado” [...] construindo o “fenômeno de desterritorialização e descentramento, quando aponta os efeitos instaurados pela globalização e mundialização com a reconfiguração de identidades culturais que se manifestam como híbridas, fragmentadas e transitórias” (SIDEKUM, 2003, p.19), na qual os *skatistas* procuram conectar suas vidas a comportamentos, estéticas e valores que circulam em diferentes lugares, produzindo diversas perspectivas de vida e possibilidades de identificação com o mundo do *skate*.

A partir dessa análise, é possível perceber o conceito da identidade *skatista* boavistense fazendo parte da rede global, recebendo influência diária que permite criatividade e novas adaptações. Dessa maneira, cabe ressaltar que se torna impossível desvincular as práticas do *skate* e a formação da identidade, sem perceber o mundo interconectado e toda a influência de símbolos culturais dos *skatistas* na construção da própria identidade em Boa Vista.

Na capital roraimense, a prática do *skate* se deu em novos espaços criados por agentes públicos, que possibilitaram a construção de certas sociabilidades a partir de uma “sensação coletiva” (MAFFESOLI, 2010, p.147), pois nesses lugares não há o rigor e preocupação de uma socialização rígida, sendo esta sociabilidade uma experiência partilhada no seio das sociedades por grupos urbanos, em laços mais afetivos, com signos e representações próprias do grupo que o vivencia.

Sendo assim, outro espaço territorializado que ganha significado é a Pista do Parque Anauá, considerada pelos *skatistas* o seu lugar, um “pedaço” deles, algo que dizia respeito somente a eles. Magnani (2003) aborda o conceito de “pedaço”, como o:

espaço entre o privado (a casa) e o público (a rua) onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2003, p.116).

Portanto, pode-se dizer que é por meio desses lugares de convivência que são estabelecidas relações mais duradouras e personalizadas, promotoras da identidade, aproximando da ideia de “sociabilidade” usado por Maffesoli (2010), onde o “eu” *skatista* pode se expressar livremente e sem restrições sociais, se comparada a outros espaços utilizados na cidade.

Segundo esse conceito, o que estaria em jogo na noção de pedaço seriam dois elementos, “um de ordem espacial, física – configurando um território claramente demarcado ou constituído por certos equipamentos – e outro social, na forma de uma rede de relações que se estendia sobre esse território” (MAGNANI, 2002, p.21), uma vez que esse sentimento de pertencimento fazia com que os *skatistas* se encontrassem naquele local para vivenciar o estilo de vida *skate*.

No entanto, é importante lembrar que existe “pedaços” espalhados por toda a cidade, o *skatista* observa novos lugares na cidade. Para ele, não há como desvincular o andar de *skate* com o mobiliário urbano, a cidade é um emaranhado de obstáculos devidamente organizado para realizar manobras, a cidade é vista pelo *skatista* como lugar de desafio, uma expressão local que passa a ser ressignificada a cada nova manobra, seja ela no asfalto, calçadas, bancos de praças e escadarias, ou, na “onda dura” (*half-pipe*). Andar de *skate* na cidade é algo prazeroso.

Entre 1989 a 2000, os *skatistas* começam a reivindicar um pertencimento, mostrando que não bastava andar de *skate*, era necessário se afirmarem na cultura local, criando um novo momento, a prática do *street* em Boa Vista, não que esta não ocorreu anteriormente, mas houve uma valorização maior a partir dos anos de 1997, que futuramente possibilitou a utilização do antigo espaço de patinação no Complexo Poliesportivo Ayrton Senna, transformado pela Prefeitura de Boa Vista na Pista de *Skate* do Ayrton Senna, onde ocorreram diversos campeonatos em 2000 e 2001.

Essa pista é composta por alguns equipamentos, entre eles tem o *quarter* que lembra um quarto de um tubo, a rampa de 45° graus, corrimão no chão e um *funbox*, constituído na forma de caixa com um topo plano e uma rampa em dois ou mais lados, entre outros obstáculos que eram construídos pelos próprios *skatistas*, sendo estes obstáculos que também faziam parte da pista de *skate* no bairro do Pricumã, chamada de Pista do Pricumã, apenas com a diferença de proporções e tamanhos entre as Pistas, pois os obstáculos tinham um grau maior de dificuldade devido altura dos equipamentos, além de um caixote de concreto para executar determinadas manobras de solo, e o piso que é de péssima qualidade até hoje.

A partir daí o *skate* em Boa Vista ganha novas expressões com os trabalhos de Max Delly, o “Perna”, no *grafite*, e a produção da *Zine 29*, revista de *skate* produzida por Delly e Marcelo Tobias, o “Bocão”, que tinha como foco mostrar o dia a dia dos *skatistas*, produções de *Grafite* do “Perna” e criticar algumas ausências que os *skatistas* atribuíam ao poder público local. Sobre isso, lemos na proposta da *Zine 29* o que objetivavam os *skatistas*:

no começo, porém considerada o fim, entre o Monte Roraima e Manaus está uma pequena cidade chamada Boa Vista, onde de dois anos para cá, vem crescendo um esporte diferente. Porém, praticado em todo o mundo. E é a partir disso que surge a 29, uma *Zine* que vai dar continuidade a uma homenagem de uma grande revista<sup>11</sup> (100%) que lançou a edição 28 em homenagem a Israel Gomes de Almeida. A 29 é a continuidade da 28, que surgiu a fim de tentar dar total apoio para o desenvolvimento do *skate* em Boa Vista. Diga não à violência e seja mais forte (DELLY; BRITO, 2000, s/p).

Portanto, é exatamente essa posição dos *skatistas*, analisada ao longo da *Zine* 29, que revela na sociedade boavistense a existência de um grupo diferente, uma cultura, uma identidade, com valores próprios que contrariam a aceitação por parte de alguns sobre a condição e a posição de ser *skatistas*, que pode ser percebida na fala de “Bocão” e “Perna” quando afirma na *Zine* 29 “um abraço para toda a galera<sup>12</sup> *sk8*, que vem conseguindo superar perseguições, preconceitos e falta de apoio da família. Ajude-nos nesta luta. Desonestidade é *prejú* e você nunca ganha”.<sup>13</sup>

Percebe-se, portanto, que nesse contexto de reivindicar e pertencer à identidade *skate*, faz-se a diferença dos outros grupos locais, como os “galerosos” (VIEIRA, 2011, p.90), diversos grupos de jovens na cidade de Boa Vista que nos anos de 1999 e 2000 praticavam roubos, assassinatos, e diversas brigas em lugares públicos com grupos rivais e ficaram conhecidos por esse termo, pela população local.

Assim, possivelmente, os *skatistas* boavistenses, sentiam-se estigmatizados e identificados pela sociedade como marginais (galerosos), mesmo que não aceitassem a condição de ser comparados aos grupos marginais que conviviam na cidade, antes demonstravam que eram diferentes e que tinha a identidade *skatista*, ligadas ao esporte *skate*, e que não eram envolvidos com a criminalidade praticada pelas galeras.

Em outro momento na *Zine* 29, esses ao escreverem sobre o campeonato da Pista de *Skate* na Praça do Pricumã, relatam sobre o aparecimento de uma viatura da polícia, quando afirmam: “mesmo com um sol quente, o público não deixou de comparecer ao campeonato e até a polícia deu atenção e compareceu”, e depois tem uma indicação, “olha a polícia” e a imagem da viatura está circulada (DELLY; BRITO, 2000).

---

11 Trata-se de Cemporcento (100%) Skate, revista especializada de destaque no mercado editorial brasileiro. .

12 O termo galera é usado pelos *skatistas* em Boa Vista que remete-se a ideia de amigos, diferente do termo “galera” usada pela sociedade boa-vistense, que se interpreto por “marginais”, jovens envolvidos com assassinatos e diversos crimes na cidade de Boa Vista.

13 As imagens estão no anexo da dissertação. (DELLY, Max; BRITO, Marcelo. A Primeira Zine de Boa Vista, 29. Ed. 1, Ano I, 29. Nov. 2000).

Nesse contexto, depreendemos que os *skatistas* buscavam a “aceitação” da população boavistense quando dizem: “o público se fez presente”, pois traçam a ideia de acolhimento, inferindo a interpretação de que o “público” representando a sociedade boavistense estava valorizando aquele momento; ao mesmo tempo, a “polícia”, que representava a luta contra o crime, ao fazer parte da experiência, buscava fiscalizar o local.

Portanto, é por meio das pistas de *skate*, como territórios de sociabilidade e construções da identidade que se fundam marcos das diferenciações perante a sociedade boavistense. Assim, podemos perceber que as construções identitárias multifacetadas dos *skatistas* nos territórios boavistenses, a partir de espaços urbanos na cidade que, mesmo sendo influenciadas pelos processos da globalização, não se tornaram em identidades homogêneas, antes possibilitaram novas formas de sociabilidades e alteridade nas representações pelos lugares em que praticavam o *skate*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração do artigo, procuramos apresentar a discussão voltada à identidade dos *skatistas* boavistenses em territórios construídos nos espaços urbanos da cidade. Evidenciamos, ainda, como os praticantes do esporte em contrastes com a alteridade buscaram posições identitárias esportistas. Essas posições na identificação da identidade esportista puderam ser concebidas quando entraram em contraste com a identidade galerosa. Dessa forma, as representações *skatistas* vieram a ser confundidas com grupos galerosos, devido à morte do *skatista* Israel Gomes de Almeida, vítima de um grupo marginal no Parque Anauá no ano de 1999.

Nesse sentido, as dificuldades encontradas ao analisar os agentes pesquisados, se deram pelas próprias definições da identidade e alteridade no grupo, visto que exigiu durante a pesquisa mergulhar profundamente na trajetória do grupo na cidade de Boa Vista. Pois, quando trabalhamos identidade, compreendemos que a flexibilidade da identidade além de ser variável e móvel, não se limita a espaços e territórios fixos, mas sendo transitória em sua complexidade está relacionada à cultura e as mediações culturais do seu tempo.

## REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. *A sociedade em rede: a era da informação, economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, R. H. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.

DELLY, M.; BRITO, M. *A Primeira Zine de Boa Vista*, Ano I, 29. Nov. 2000.

FIORETTI, E. C. *Políticas públicas para cultura como fator de desenvolvimento econômico e social no estado de Roraima*. Rio Grande do Sul: UFRGS/UFRR, mimeo, 2009.

GOMES, P. C. C. Geografia fim de siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. IN: CASTRO, I. E. e CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 2003.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

\_\_\_\_\_. A questão multicultural. IN: HALL, S. *Da diáspora: Identidades e mediações Culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

IANNI, O. *Era do Globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LAZZARIN, L. F. A Negociação da Identidade. Cultura e Grafite em Boa Vista. Visualidades. *Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual – Fav I UFG*, V. 5, n.1 Jan-Jun/2008.

MAFFESOLI, M. *O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *RBCS* Vol. 17 no 49 junho/2002.

\_\_\_\_\_. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Hucitec/UNESP, 2003.

MELO, V. A.; ALVES JUNIOR, E. D. *Introdução ao lazer*. Barueri: Manole, 2003.

MONTEIRO, P. Globalização, identidade e diferença. *Novos Estudos - CEBRAP*, n. 49, p. 47-64, nov. 1997.

MOURTHÉ, C. R. *Mobiliário Urbano em Diferentes Cidades Brasileiras*: Um estudo comparativo. São Paulo, FAU/USP, mimeo, 1998.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SEMPRINI, A. *Multiculturalismo*. Bauru: Universidade do Sagrado Coração. 1999.

SILVA, P. R. F. Espaço e tempo: reflexões sobre os agentes modeladores do urbano roraimense. *Revista reflexões e práticas geográficas*, Macció/AL, v. 1, n. 1, p. 58-81, jul. /dez. 2014.

SIDEKUM, A. Alteridade e Interculturalidade. IN: SIDEKUM, A. (Org.). *Alteridade e multiculturalismo*. Ijuí: Unijuí, 2003.

SILVA, P. R. F. Boa Vista: gênese espontânea e gênese induzida. IN: *Revista Acta Geográfica*, Ano III. N° 5, Jan/Jun, 2009.

TESSARINE, J. B. *O mobiliário urbano e a calçada*. São Paulo: Universidade São Judas Tadeu, mimeo, 2008.

VALE, A. L. F. *Nordeste em Roraima: Migração e Territorialização dos nordestinos em Boa Vista*. Boa Vista: EdUFRR, 2014.

\_\_\_\_\_. *O “Ceará” em Roraima. Migração de cearenses: 1980-1999*. Jaboticabal: FUNEP, 2005.

VERAS, A. T. R. *A produção do espaço urbano em Boa Vista – Roraima*. São Paulo: USP, mimeo, 2009.

VIEIRA, F. P. *Diversidade e produção de estereótipos: um estudo etnográfico da formação e atuação do soldado policial militar em Roraima*. Manaus: UFAM, mimeo, 2011.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórico e conceitual. IN: SILVA, T. T. *Identidade e Diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

